

**SOBRE AS CHAMADAS
“PERÍFRASES VERBAIS PARATÁCTICAS”
DO TIPO «PEGAR E + V₂»
NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS
(com referência especial ao português e romeno)**

1. Pontos de vista

1.1. Entre as estruturas verbais que servem para a expressão da categoria “aspecto” nas línguas românicas são assinaladas em vários trabalhos consagrados ao assunto¹ as chamadas *perífrases paratácticas*, compostas por dois verbos flexionados no mesmo modo, tempo, número e pessoa, em relação copulativa, dos quais apenas o segundo conserva integralmente o semantismo. Tais “perífrases” são atestadas nas línguas românicas, excepto o francês, e contêm na primeira posição quer um verbo de ‘movimento’, do tipo «ir», «saltar», «vir», «chegar», «andar», quer um verbo designando ‘apropriação’, ‘assenhoreamento’, do tipo «pegar», «tomar», «agarrar», quer um verbo locativo, do tipo «pôr-se»²:

¹ Para uma bibliografia sobre as “perífrases paratácticas” nas línguas românicas e noutras línguas europeias, ver COSERIU, Eugenio — «*Tomo y me voy*». *Un problema de sintaxis comparada europea*, in vol. *Estudios de Lingüística Románica*, Madrid, Editorial Gredos, 1977, p. 79-152 (publicado inicialmente in «*Vox Romanica*», 1966, 25/1, p. 13-55).

² A única língua românica que usa um verbo locativo nas estruturas paratácticas do tipo «pegar e + V₂» é o romeno: *s-a pus și a ars totul* (lit. ‘pôs-se e queimou tudo’; ~ ‘pegou e queimou tudo’). Ver *infra*, 2.2.

- pg. *pegar + e + V₂*
agarrar + e + V₂
tomar + e + V₂
ir + e + V₂
chegar + e + V₂ (variante regional)
andar + e + V₂
- esp. *tomar + y + V₂*³
coger + y + V₂
agarrar + y + V₂
ir + y + V₂ (variante regional)
saltar + y + V₂ (variante regional)
venir + y + V₂ (variante regional)
- rom. *a (se) lua + ši + V₂*
a se apuca + ši + V₂
a se pune + ši + V₂
- it. *pigliare + e + V₂*
prendere + e + V₂
- sard. *pigare + e + V₂*
(pikkare + e + V₂)
- occit. *se prendre + e + V₂*
- cat. *agafar + i + V₂*
- retor. (ladino) *tour + ed/e + V₂*
pigliar + ed/e + V₂

Para além das línguas românicas, as “perífrases paratáticas” encontram-se em várias línguas germânicas, eslavas, bálticas, em grego moderno, em albanês, em línguas ugrofinicas e em certos dialectos ciganos⁴. Uma tal difusão aponta para a antiguidade dessas “perífrases” e para uma origem

³ É em espanhol que a construção paratática foi assinalada pela primeira vez, já em 1535, por VALDÉS, Juan de — *Diálogo de la lengua*, e aproximadamente cem anos depois por CORREAS, Gonzalo — *Vocabulario de refranes y frases proverbiales y otras fórmulas comunes de la lengua castellana*. Ver sobre isso COSERIU, E. — «*Tomo y me voy*», p. 79, 104-105.

⁴ Ver COSERIU, E. — «*Tomo y me voy*», p. 112-113, 131-132 e a nota inscrita nas p. 149-151.

comum, ao excluir a hipótese da inovação paralela⁵ ou da influência de uma das línguas modernas que apresenta esse tipo de “perífrases” sobre as outras⁶, como também a interpretação delas como idiotismos⁷. Na opinião de E. Coseriu, o centro de difusão foi o grego antigo, a *koiné* dos primeiros séculos da nossa era e o grego cristão, língua-fonte igualmente das perífrases verbais hipotáticas de valor aspectual:

“la coincidencia funcional entre el griego moderno, el albanés y las lenguas románicas «meridionales», las varias correspondencias exactas que se comprueban entre esas lenguas, el empleo de dos series de verbos que a menudo coinciden en las varias lenguas, en cuanto a su significado léxico, sólo pueden explicarse por el griego antiguo”⁸.

Coseriu mostra que as “perífrases paratáticas” são o resultado da reestruturação formal da construção grega antiga λαβων γραφω (verbo auxiliar no participio passado + verbo principal flexionado), enquanto as perífrases

⁵ Ver FRAENKEL, E. — *Baltoslavica. Beiträge zur baltoslavischen Grammatik und Syntax*, Göttingen, 1921, p. 54-56 e *Zur Parataxe und Hypotaxe im Griechischen, Baltoslawischen und Albanischen*, in IF, 1926, n.º 43, p. 303-304 que, ao registrar as “perífrases paratáticas”, no primeiro trabalho, em lituano, eslavo e danês, estima que se trata de um desenvolvimento paralelo e independente, para depois, no segundo trabalho, onde assinala que o giro se encontra em várias línguas indoeuropeias, chegar à conclusão de um paralelismo poligenético (*apud* COSERIU, E. — «*Tomo y me voy*», p. 81-83)

⁶ Ver SANDFELD, K. — *Linguistique balkanique*, Paris, 1930, p. 196-199, que, ao constatar que todas as línguas balcânicas conhecem a perífrase grega moderna *πιανει και του λεγει*, estima que o fenómeno se difundiu do grego moderno para as outras línguas balcânicas.

⁷ Ao discordar da opinião de Coseriu e W. Dietrich, que ilustram com exemplos de “perífrases paratáticas” em português europeu e brasileiro a assim chamada “visão globalizadora”, BARROSO, Henrique — *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrónica*, Porto, Porto Editora, 1994, p. 84, menciona que “Tal objecção não tem, portanto, a intenção de excluir a visão globalizadora do sistema verbal português, mas simplesmente dizer que *não se expressa perifrásticamente* [n.s. – A.M.]”. Na sua opinião, trata-se de *idiotismos*. Na linguística romena, GUTU-ROMALO, Valeria — *Semiauxiliare de aspect? [= Semiauxiliaries de aspect]*, in «Limba română», Bucareste, 1961, n.º 10, p. 3-15), aprecia que o verbo *a lua* (‘tomar’) na construção paratática com *a se duce* (‘ir-se embora’) – *se ia și se duce* (esp. ‘toma y se va’) – constitui uma *expressão fixa*.

⁸ *El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)*, in *Estudios de Lingüística románica*, p. 258 (inicialmente in «Actas del III Congreso Español de Estudios Clásicos», III, Coloquio de estudios estructurales sobre las lenguas clásicas, Madrid, 1968, p. 93-116).

hipotáticas continuam a construção grega, também reestruturada do ponto de vista formal, $\gamma\rho\alpha\phi\omega\nu \epsilon\iota\mu\iota$ (verbo principal no particípio passado + verbo auxiliar flexionado), que se tornou $\epsilon\iota\mu\iota \gamma\rho\alpha\phi\omega\nu$ (da qual nasceram as perífrases do tipo auxiliar flexionado + verbo no gerúndio: *estou lendo*). Da koiné e do grego cristão, a construção $\lambda\alpha\beta\omega\nu \gamma\rho\alpha\phi\omega$ veio penetrando — muito provavelmente, através das traduções dos textos religiosos — primeiro no latim vulgar, guardando a sua função, mas adquirindo uma nova estrutura, de tipo paratático. Desconhecidas no latim clássico, as “perífrases paratáticas” são atestadas nas obras dos escritores tardios. G. Ascoli cita exemplos de tais construções de Plautus e Terentius⁹. Do latim vulgar, a construção paratática permaneceu nas línguas românicas, e com uma maior relevância, nas meridionais, mais sujeitas à influência do grego.

1.2. No que ao valor dessas “perífrases” nas línguas românicas e ao papel que desempenha o primeiro verbo diz respeito, as opiniões são diferentes.

1.2.1. A interpretação com mais adeptos é aquela segundo a qual as “perífrases paratáticas” são *perífrases aspectuais* que expressam *o começo da acção* indicada pelo segundo verbo. Elas têm, pois, *valor ingressivo* (ou *inceptivo*, ou *incoativo*) e não se distinguem das perífrases aspectuais hipotáticas, sendo o primeiro verbo, nos dois tipos de estruturas, um mero instrumento gramatical, isto é, um *auxiliar de aspecto ingressivo*. É esse o valor que atribui R. J. Cuervo¹⁰ à estrutura do espanhol *coger + y + V₂*, G. Rohlfs¹¹ à estrutura do italiano *pigliare + e + V₂* (com uma frequência elevada nos dialectos meridionais), embora fale de “uso pleonástico do verbo *pigliare*” e não lhe reconheça explicitamente a função de auxiliar de aspecto, Sandfeld¹² ao mesmo tipo de “perífrases” ilustradas com exemplos do romeno, grego moderno, búlgaro e albanês, ao estimar que se trata de parataxe («pegar e + V₂») para hipotaxe («pegar a + infinitivo»), como também

⁹ *Un problema di sintassi comparata dialettale*, in AGI, 1896, n.º 14, p. 453-468, apud COSERIU, E. — «*Tomo y me voy*», p. 103.

¹⁰ *Diccionario de construcción y régimen de la lengua castellana*, II, Paris, 1893, p. 180.

¹¹ ROHLFS, G. — *Historische Grammatik der italienischen Sprache und ihrer Mundarten*, III, Bern, 1954, p. 22-23. Ver também ROHLFS, G. — *Griechischer Sprachgeist in Süditalien*, Munique, 1947, p. 32-33.

¹² *Ibidem*.

Reichenkron¹³, que refere brevemente a construção nas mesmas línguas “balcânicas”; Gh. Bogaci¹⁴, ao referir os verbos do romeno *a (se) lua* (‘tomar’, ‘pegar’) e *a se apuca* (‘pegar’, ‘agarrar’) nas “perífrases” em referência, considera-os “auxiliares para expressar o começo de uma acção”; a mesma interpretação propõe Sextil Puscariu para os verbos *a se apuca* e *a se îndemna* (‘animar-se’) no mesmo tipo de “perífrases”¹⁵; valor ingressivo (incoativo) atribui aos verbos romenos acima referidos (menos *a se îndemna*), aos quais acrescenta *a se pune* (‘pôr-se’), Valeria Gutu Romalo¹⁶, mas sem lhes reconhecer a função de “semiauxiliares” (pois na sua opinião, os verbos mantêm o valor predicativo) e sem considerar gramaticalizada a estrutura em que esses verbos aparecem.

1.2.2. Aproximada da primeira pela atribuição de um certo *valor aspectual* às “perífrases paratáticas” é a interpretação segundo a qual estas “perífrases” expressam, dentro da categoria «aspecto», a *unidade* ou a *globalidade da acção*, ou seja, têm a ver com a consideração da acção (indicada pelo segundo verbo) pelo locutor *como um todo*. A interpretação pertence a H. Keniston¹⁷, que fala nesse caso de «aspecto unitário» (reflecte uma atitude «integradora»), distinto dos «aspectos fraccionários» — progressivo, iterativo, continuativo, etc. — expressos pelas perífrases hipotáticas, e é compartilhada por Ch. E. Kany¹⁸, cujos exemplos mostram uma vez mais a expansão e a funcionalidade da construção. De acordo com Keniston, E. Coseriu¹⁹ — e, inscrevendo-se na direcção dos seus trabalhos, W. Dietrich²⁰ — considera as “perífrases paratáticas” pertencentes à *categoria aspectual* que designa por «visão», dentro da qual, por expressarem a *globalidade da acção*, ou seja a «visão global» (ou «globalizadora»), se

¹³ REICHENKRON, G. — *Der Typus der Balkansprachen*, in «Zeitschrift für Balkanologie», 1963, n.º 1, pp. 106-107.

¹⁴ «Arhiva», Iasi, n.º 45, p. 292.

¹⁵ *Études de linguistique roumaine*, Cluj-Bucareste, 1937, p. 382.

¹⁶ *Art. cit.*

¹⁷ *Verbal Aspect in Spanish*, in «Hispania», 1936, n.º 19, pp. 163-176.

¹⁸ *American-Spanish Syntax*, Chicago, 1951, 2.ª edição (1.ª edição 1945), pp. 197-200.

¹⁹ «*Tomo y me voy*», sobretudo pp. 115-131.

²⁰ *El aspecto verbal perifrástico en las lenguas románicas*, Madrid, Editorial Gredos, 1983 (versão espanhola de HERNÁNDEZ Marcos Martínez de *Der periphrastische Verbalaspekt in den romanischen Sprachen*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1973).

opõem às perífrases hipotáticas que expressam uma acção vista num ponto ou entre dois pontos do seu desenvolvimento, ou seja a «visão parcial» (ou «parcializadora»). Quanto ao estatuto do primeiro verbo, este é considerado, em todos os trabalhos referidos, um *auxiliar de aspecto*.

1.2.3. Sem reconhecerem à “perífrase paratáctica” um valor aspectual, outros autores consideram o primeiro verbo meramente *expletivo* ou *pleonástico*. É a opinião, entre outros, de R. J. Cuervo em *Apontaciones*²¹, onde refere a construção espanhol *agarrar + y + V₂*, de Al. Graur num dos trabalhos em que assinala, em romeno, as construções paratáticas com o verbo *a lua*²², de M. L. Wagner²³, que, apesar de qualificar o primeiro verbo como expletivo, lhe atribui ao mesmo tempo o sentido ‘beginnen, sich anschiken’.

2. “Perífrases paratáticas” no português e no romeno

No que se segue, procuramos analisar as “perífrases paratáticas” nas duas línguas românicas mais afastadas geograficamente, no português e no romeno, análise essa que, por um lado, conduzirá a uma *interpretação* parcialmente *distinta* no que ao estatuto dos verbos em referência e das estruturas em que eles se encontram diz respeito, e, por outro lado, chamará a atenção sobre o *funcionamento discursivo* desses verbos.

2.1. “Perífrases paratáticas” no português

2.1.1. No português, as “perífrases paratáticas”, específicas do estilo coloquial²⁴, constroem-se com os verbos:

— *pegar*, acompanhado ou não por pronome reflexivo tónico em caso preposicional: *pegar em si*;

²¹ *Apuntaciones críticas sobre el lenguaje bogotano*, & 548 (7.ª edição) Bogotá, 1939, p. 449-450.

²² In «Bulletin de Linguistique», 1937, n.º 5, pp. 68-69.

²³ *Expletive Verbalformen in den Sprachen des Mittelmeers*, in RF, 1956, n.º 67, p. 1-8.

²⁴ O facto de essas perífrases não se encontrarem nos textos literários não representa um argumento – como estima BARROSO, H. — *Op. cit.*, p. 84, para lhes negar a existência e a funcionalidade no português.

- *agarrar* ou *agarrar em si* ou, na forma reflexiva, *agarrar-se*;
- *ir*, com uma frequência menos elevada do que os dois primeiros, combinando-se preferencialmente com verbos declarativos;
- *chegar*, cujo uso parece ser regional²⁵;
- muito raramente, *tomar* e *andar*.

Alguns dos exemplos que se seguem foram construídos – espontaneamente ou a solicitação nossa – por falantes nativos do português, de várias idades, nível social e cultural; outros foram recolhidos de duas colectâneas de contos populares portugueses²⁶:

(1) “— Pois, se eu a não levar perco vinte e quatro [moedas]. Fizeram a aposta. João Peludo **pegou e meteu** o dedo mendinho debaixo da bengala e voltou-a logo. Depois o João Peludo pegou na bengala e foi-se embora.” (*Contos*, 236)

(2) “A princesa lembrou-se então de um noivo que tinha tido:
— Só se é ele, disse ela.
E **pegou em si e foi** ao palácio.” (*Contos*, 46)

(3) “Estava a ver televisão, mas como não me estava a agradecer, **peguei e fui** deitar-me.” (falante da região do Minho, 54 anos, funcionário; exemplo provocado)

(4) “O pai, muito desesperado, **agarrou em si e foi-se** embora.” (*Contos*, 48)

(5) “**Agarrei e contei-lhe** tudo.”

(6) “Era ua bez um galego e foi à missa e depois bêu da missa e procuroul’a mulher o que dixerá o crego na igreja e **foi o galego e dixo-le** [...]”

(*Contos e Lendas*, 51)

²⁵ Os exemplos que encontramos na literatura popular apontam para a região de Trás-os-Montes.

²⁶ PEDROSO, Consiglieri — *Contos Populares Portugueses*, Lisboa, Editorial Vega, 1978 [= *Contos*]; *Contos Populares e Lendas*, coligidos por VASCONCELLOS, J. Leite de, Coordenação de SOROMENHO, Alda da Silva e SOROMENHO, Paulo Caratao, II, Acta Universitatis Conimbrigensis, Por ordem da Universidade, 1966 [= *Contos e Lendas*]

(7) “Quando já ninguém o esperava, **foi e disse**: «Hei-de partir. Não vale a pena discutir mais sobre o assunto».”

(8) “Ele assim que apanha o soldado a dormir, deu-lhe volta à mochila; tirou-lhe a carta e esteve lendo. Depois **chegou e começou** a escrever-lhe outra [...]”

(*Contos e Lendas*, 31)

(9) “O semáforo estava vermelho, mas como não passava nenhum carro, **tomei e atravessei** a rua.”²⁷

(10) “— Deus me disse no dia 20 de Janeiro: «Sebastião, é o teu dia. Vai salvar o mundo que se perde. **Anda e vai** com o teu cajado e faz o mundo andar direito»”.

(J. Lins do Rego, *Pedra Bonita*, apud H. Barroso, *Ob. cit.*, 84)

2.1.2. A bibliografia portuguesa ou brasileira sobre o uso dos verbos em referência é bastante escassa. A maioria dos dicionários não regista o uso deles nas estruturas paratáticas.

Dentre os dicionários portugueses, encontrámos referências apenas no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de António de Moraes Silva e só para os verbos *agarrar* e *pegar*. Para *agarrar*, enquanto verbo intransitivo, são indicados dois sentidos: “afeiçoar-se, prender-se a” e “resolver-se, tomar uma deliberação: «agarrou e partiu», isto é, resolveu partir e partiu, sem atender a opiniões estranhas e contrárias”. Enquanto verbo transitivo, *agarrar* é registado com os sentidos “prender, segurar com garra; prender fortemente, empolgar, aferrar, tomar com violência; capturar; alcançar, apanhar” e “tomar uma resolução: «Agarrou e respondeu que não recebia ordens de ninguém»”²⁸. Quanto a *pegar*, enquanto verbo intransitivo, para além dos seus vários sentidos, menciona-se que “aparece também sem valor próprio, apenas para dar realce à frase”, e cita-se um exemplo da obra de Machado de Assis: “«Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou

²⁷ Os exemplos (5), (7) e (9) foram-nos oferecidos, na ordem em que se encontram citados, pelos professores Mário VILELA, Joaquim FONSECA e Olívia FIGUEIREDO da Faculdade de Letras do Porto. Agradecemos-lhes a amabilidade e o apoio.

²⁸ SILVA, António de Moraes — *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.^a Edição revista, corrigida, muito aumentada e actualizada por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado, Lisboa, Editorial Confluência, 1948, vol. I.

em si e uma corda, foi aos jornais, copiou os anúncios, e deitou-se à caçada»²⁹.

Um exemplo com *pegar* em construção paratáctica, buscado também da obra de Machado de Assis cita, entre os primeiros, Júlio Moreira³⁰.

Dentre os dicionários brasileiros, o uso de *agarrar* na estrutura paratáctica é registado no *Dicionário brasileiro contemporâneo* de F. Fernandes³¹, com uma explicação semelhante à acima mencionada: “tomar uma resolução, decidir-se: «ai, êle agarrou e foi-se embora»”.

Nas gramáticas da língua portuguesa — por exemplo, de Celso Cunha e Lindley Cintra³², de Maria Helena Mira Mateus³³, de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz³⁴ —, as “perífrases paratácticas” não são mencionadas, embora se fale de uma conjugação perifrástica (onde são apresentadas somente as perífrases aspectuais hipotácticas).

2.2. “Perífrases paratácticas” no romeno

2.2.1. No romeno, as chamadas “perífrases paratácticas” contêm um dos verbos:

- *a (se) lua* (‘tomar’, ‘pegar’), o verbo com a maior ocorrência nas estruturas com verbos de movimento;
- *a se apuca* (‘agarrar’, ‘pegar fortemente’);
- *a se pune* (‘pôr-se’);
- raramente, e apenas como variante regional, *a se îndemna* (‘animar-se’)³⁵.

²⁹ *Idem* — *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.^a Edição revista, corrigida, muito aumentada e actualizada por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado, Lisboa, Editorial Confluência, 1955, vol. VIII.

³⁰ MOREIRA, Júlio — *Estudos de Língua Portuguesa*, Lisboa, 1922, p. 164

³¹ FERNANDES, F. — *Dicionário brasileiro contemporâneo*, Rio de Janeiro, 1953.

³² CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley — *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edição dirigida por João Sá da Costa, 10.^a edição, Lisboa, 1994.

³³ MATEUS, Maria Helena Mira *et alii* — *Gramática da Língua Portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*, Coimbra, Livraria Almeida, 1983.

³⁴ CUESTA, Pilar Vázquez; LUZ, Maria Albertina Mendes da — *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições 70, 1971, pp. 429-438 (*Conjugação perifrástica*).

³⁵ O uso deste verbo nas perífrases paratácticas é atestado por PUSCARIU, S. — *Op. cit.*

Na literatura romena, tais exemplos encontram-se sobretudo nos contos populares e em obras cultas de índole popular. As estruturas em foco têm, no entanto, uma frequência bastante elevada também na estilo coloquial. Enquanto falante nativo, eu própria surpreendo-me usar essas estruturas em situações informais. Não me são alheios enunciados do tipo: *M-am luat și am lucrat toată noaptea* ('Peguei e trabalhei toda a noite'), *M-am apucat și am făcut ordine în bibliotecă* ('Agarrei e fiz ordem na biblioteca'), *M-am pus și am terminat articolul* ('Peguei e acabei o artigo'; lit. 'Pus-me e acabei o artigo'). Outros exemplos:

(11) *Să iei și să te duci de la casa mea!* ('Pega e vai-te embora da minha casa!')

(12) *(S-)a luat și a plecat în lumea largă.* ('Pegou e partiu alhures no mundo')

(13) *S-a apucat și a săpat o groapă și a ascuns în ea comoara.* ('Agarrou e cavou uma cova e escondeu nela a fortuna')

(14) *S-a pus și i-a povestit tot ce s-a întâmplat.* ('Pegou e contou-lhe tudo o que aconteceu'; lit. 'Pôs-se e contou-lhe tudo o que aconteceu')

(15) *Se îndemnă și porni la drum.* ('Agarrou e meteu pernas ao caminho'; lit. 'Animou-se e meteu pernas ao caminho')

Para além dessas estruturas em que é a conjunção *și* ('e'; < lat. *sic*) que marca a relação copulativa entre os dois verbos, há também no romeno, embora menos usuais, estruturas paratáticas em que o mesmo papel é desempenhado por *de*, que, preposição no sistema, se converte num conector coordenativo no discurso, nas estruturas em referência³⁶. Os seguintes enunciados representam variantes de (12)-(14):

³⁶ A conversão da preposição *de* para uma conjunção copulativa é provada pelo facto de ela poder relacionar dois verbos no mesmo modo, tempo, número e pessoa. Não se trata, pois, neste caso de perífrases hipotáticas (como julga REICHENKRON, G. — *Op. cit.*, que discorda nesse ponto da opinião de SANDFELD, K. — *Die Konjunktion de im Rumänischen*, in «ZRP», 1904, n.º 28, pp. 24-25), porque, enquanto preposição, *de* pode relacionar verbos somente em modos diferentes, sendo o segundo obrigatoriamente um modo nominal. Por exemplo, relaciona um supino com um indicativo, como em: *s-a luat de fumat* ('começou a fumar'), *s-a lăsat de băut* ('deixou de beber').

(12') *(S-)a luat de a plecat în lumea largă.*

(13') *S-a apucat de a săpat o groapă și a ascuns în ea comoara.*

(14') *S-a pus de i-a povestit tot ce s-a întâmplat.*

2.2.2. A bibliografia romena sobre o uso dos verbos acima mencionados na construção paratáctica, apesar de ser mais rica do que a portuguesa, não oferece uma análise pormenorizada do funcionamento desses verbos. Eles são registados em vários trabalhos, com uma menção breve sobre o valor, considerado muitas vezes equivalente ao dos auxiliares das perífrases hipotáticas ingressivas.

Em 1922, S. Puscariu regista a estrutura paratáctica com os verbos *a se apuca* ('agarrar') e *a se îndemna* ('animar-se') nas expressões do tipo *se apucă și făcu* ('agarrou e fez') *se îndemnă și merse* (lit. 'animou-se e foi'), verbos que qualifica como "mots fonctionnels", com a função (gramatical) de expressar o começo da acção³⁷.

Al. Graur, num primeiro trabalho publicado em «Bulletin Linguistique»³⁸ chama a atenção sobre *a lua* "employé comme explétif" nas estruturas de índole familiar e popular do tipo *să iei și să pleci* ('pega e vai'), *a luat și a stricat masina* ('pegou e destruiu o carro'), estruturas que, depois de assinalar o uso análogo do gr. mod. $\pi\iota\alpha\nu\omega$, inclui entre as concordâncias balcânicas. Um ano depois³⁹, propõe uma outra interpretação do verbo *a se lua* no mesmo tipo de estruturas (*se ia Țiganul si intră în casă* – 'pega o Cigano e entra em casa', *se ie și pornește* – 'pega e vai', *s'o luat și s'o dus la frate-sau* – 'pegou e foi ao irmão', *s'o luat ie fata și s'o mbrăcat* – 'pegou ela, a menina, e vestiu-se'): "*a se lua* semble n'apporter aucune idée concrète à l'expression, il sert uniquement à marquer la volonté du sujet de faire une action". Quanto ao seu sentido, o autor estima que este é, em função do contexto, "se décider à", "prendre son courage à deux mains", "se résigner à", etc. Enfim, acrescenta que se encontram com o mesmo uso *a lua* (não reflexivo), *a se apuca* e *a se pune*: *s'a apucat și a făcut* ("il a pris l'initiative de faire", "il a eu l'audace, l'impertinence de faire", "il n'a pas trouvé mieux que...", etc.), *s'a pus*, *s'a măritat* ("elle s'est mariée"). Num

³⁷ *Din perspectiva Dictionarului [= Da Perspectiva do Dicionário]*, Bucareste, em versão francesa in *Études*, p. 382.

³⁸ «Bulletin de Linguistique», 1937, n.º 5, pp. 68-69.

³⁹ Ver *Les verbes réfléchi*, in «Bulletin Linguistique», 1938, n.º 6, pp. 59-60.

terceiro artigo em que, brevemente, refere a construção paratáctica⁴⁰, Graur volta a falar de “emploi explétif”, ao acrescentar como alternativa “ou inchoatif”, mas já o não qualifica como “balcanismo”.

A ideia da “coincidência balcânica” leva Gh. Bogaci a mostrar, numa nota publicada em «Arhiva»⁴¹ e, ulteriormente, numa segunda nota publicada em «Buletinul Philippide»⁴², a difusão mais larga da construção, numa área que ultrapassa o espaço balcânico e inclui – segundo as informações do autor — o russo, o ucraniano, o sérvio-croato, o lituano, o paleoeslavo, o grego.

A mesma estrutura é assinalada por Valeria Gutu Romalo num trabalho consagrado aos “semiauxiliares” de aspecto, sem ser considerada distinta da estrutura hipotáctica com valor ingressivo e, afinal, sem ser vista como uma perífrase gramatical⁴³.

Os verbos *a (se) lua* e *a se apuca* nas estruturas paratácticas são mencionados também na segunda edição de *Gramatica limbii române*⁴⁴, entre os “verbos de modalidade e aspecto”. Falta qualquer referência à sua função.

Quanto aos dicionários, o uso apenas dos verbos *a se lua* e *a se pune* nas estruturas paratácticas (uso qualificado como “popular”) é registado em *Dictionarul limbii române literare contemporane*⁴⁵, sem serem distintas estas perífrases das hipotácticas.

3. Morfosintaxe e semântica dos verbos do tipo «pegar» nas estruturas paratácticas⁴⁶

3.1. Tanto no português como no romeno, de entre os verbos que ocorrem nas estruturas paratácticas alguns funcionam enquanto auxiliares de

⁴⁰ In «Bulletin de Linguistique», 1940, n.º 8, pp. 217-218.

⁴¹ «Arhiva», n.º 45, p. 292.

⁴² «Buletinul Philippide», 1938, n.º 5, pp. 236-237.

⁴³ *Art. cit.*

⁴⁴ *Gramatica limbii române* [= *Gramática da Língua Romena*], vol. II, Bucureste, Editura Academiei, 1963, pp. 98 e 237-238

⁴⁵ *Dictionarul limbii române literare contemporane* [= *Dicionário da Língua Romena Literária Contemporânea*, Bucureste, 1955-1956].

⁴⁶ Na análise que se segue referimos nomeadamente os verbos com a maior frequência, isto é, *pegar* e *agarrar* do português e *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* do romeno.

aspecto nas perífrases hipotáticas com valor ingressivo. Em português, é o verbo *pegar* que tem essa dupla função:

— estrutura paratáctica:

(16) *Pegou e contou tudo.*

— perífrase hipotáctica, cuja configuração é do tipo: auxiliar de aspecto + preposição + verbo básico no infinitivo:

(17) “— Não vou lá, que eu pego-me a rir.” (*Contos*, 92)

(18) “Eles entraram no quarto e pegaram a conversar.” (*Contos*, 292)

Em romeno, os três verbos que ocorrem nas estruturas paratáticas encontram-se também nas perífrases hipotáticas de valor ingressivo:

— estrutura paratáctica

(19) *S-a luat/s-a apucat/s-a pus și a povestit tot.* (‘Pegou/agarrou e contou tudo.’)

— perífrase hipotáctica, cuja configuração é do tipo: auxiliar de aspecto + verbo básico no conjuntivo (ex. (20a)), no infinitivo (ex. (20b)) ou no supino (ex. (20c)):

(20) a) *S-a luat/s-a apucat/s-a pus să povestească tot.* (‘Pegou/pôs-se a contar tudo’)

b) *S-a luat/s-a apucat/s-a pus a povesti tot.*

c) *S-a luat/s-a apucat de povestit tot.* (‘Pegou a contar tudo’)
S-a pus pe povestit tot. (‘Pôs-se a contar tudo’)

Neste tipo de perífrases (hipotáticas), em português *pegar* é o único veiculador das marcas de predicação (as marcas do modo, tempo, número e pessoa), sendo o verbo básico actualizado no infinitivo. Em romeno, a situação é sensivelmente mais complexa. A partir do século XVI, o modo conjuntivo foi concorrendo e substituindo cada vez mais o infinitivo. Uma das consequências desse processo foi a de, nas perífrases hipotáticas de valor aspectual, o verbo básico aparecer — tendencialmente — no conjuntivo, sem ser, porém, excluído o infinitivo ou, em função do verbo básico, um outro

modo nominal, o chamado “supino”. No romeno actual, diz-se habitualmente:

- (21) *S-a luat/a continuat/a încetat/a dat să povestească.* (‘Pegou a/continuou a/deixou de/esteve para contar.’)
(aux. asp. no indic. pret. perf. comp. + verbo básico no conj. pres.)

e muito raramente:

- (22) *S-a luat/a continuat/a încetat/a dat a povesti.*
(aux. asp. no indic. pret. perf. comp. + verbo básico no infinitivo)

Nessas perífrases (ingressivas, como também continuativas, cessativas, iminenciais) em que o verbo básico ocorre no conjuntivo, tanto o auxiliar como o auxiliado são portadores das marcas de predicação. São expressos redundantemente o número e a pessoa, enquanto a informação temporal cabe exclusivamente ao verbo auxiliar, tornando-se o presente do conjuntivo do verbo básico (marcado por sufixos) expletivo. Quanto aos valores modais, impõem-se exclusivamente os específicos do modo em que é actualizado o verbo auxiliar.

A situação que caracteriza no romeno as perífrases hipotácticas não é, no entanto, comparável com a que é específica das estruturas paratácticas⁴⁷.

3.2. No discurso, os verbos (pg.) *pegar, agarrar* — (rom.) *a (se) lua, a se apuca, a se pune* podem ocorrer em relação copulativa com uma perífrase aspectual em estruturas — segundo a nossa informação — não assinaladas nos trabalhos acima citados, do tipo:

pg. *pegar/agarrar + e + [Aux._{asp.} +/- Prep. + Vb]*

rom. *a (se) lua/a se apuca/a se pune + si/de + [Aux._{asp.} + Vb]*

3.2.1. São compatíveis com os verbos *pegar, agarrar* — *a (se) lua, a se apuca, a se pune* as seguintes perífrases aspectuais:

- a) as perífrases de valor ingressivo, que contêm um auxiliar do tipo (pg.) *começar, principiar, desatar, pôr-se, largar, romper* — (rom.) *a începe, a prinde, a se porni*:

⁴⁷ Ver *infra*, 3.5.1.

(23) *Pegou/agarrou e começou/desatou/largou a dizer-lhe toda a verdade.*

(24) *(S-)a luat/s-a apucat/s-a pus și a început/a prins/s-a pornit să-i spună tot adevărul.*

b) as perífrases de valor iterativo do português, construídas com um dos auxiliares *voltar* ou *tornar*:

(25) *Pegou e voltou/tornou a pedir ao pai dinheiro.*

c) as perífrases de valor progressivo, também do português, que expressam a visão prospectiva — com o auxiliar *ir* — ou retrospectiva — com o auxiliar *vir*:

(26) *Então, pegaste e foste atravessando o rio ou...?*

(27) *Agarrara e viera percorrendo a pé os dez quilómetros até a casa.*

d) as perífrases de valor continuativo, com o auxiliar (pg.) *continuar* — (rom.) *a continua*:

(28) *Pegou em Si e continuou a contar-nos a história.*

(29) *S-a luat și a continuat să ne povestească întâmplarea.*

e) as perífrases de valor cessativo, que contêm um dos auxiliares (pg.) *acabar*, *terminar*, *deixar*, *parar* — (rom.) *a gati*, *a termina*, *a se lasa*, *a înceta*:

(30) *Agarrou e acabou/deixou de escrever o trabalho.*

(31) *S-a apucat și a terminat/a gătit de scris lucrarea.*

Convém salientar que no romeno, língua em que, como ficou dito, os verbos *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* funcionam também como auxiliares de aspecto com valor ingressivo, se encontram estruturas em que cada um desses verbos se relaciona copulativamente com perífrases aspectuais de valor ingressivo que contêm um dos outros dois. Por exemplo, são variantes estilísticas de (24) os seguintes enunciados:

- (32) (a) *(S-)a luat și s-a apucat/s-a pus să-i spună tot adevărul.*
 (b) *S-a apucat și s-a luat/s-a pus să-i spună tot adevărul.*
 (c) *S-a pus și s-a luat/s-a apucat să-i spună tot adevărul.*

Uma situação semelhante verifica-se no português: quando o primeiro verbo é *agarrar*, pode ocorrer em posição do auxiliar de aspecto ingressivo o verbo *pegar*:

- (33) *Agarrou e pegou a dizer-lhe toda a verdade*

3.2.2. São, em princípio, incompatíveis com os verbos *pegar*, *agarrar* – *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* as perífrases paratáticas de valor aspectual *durativo* (pg. *estar* + gerúndio/+ *a* + infinitivo), *durativo-frequentativo* (pg. *andar* + gerúndio/+ *a* + infinitivo), *pré-resultativo* (*estar/ ficar/continuar* + *por* + infinitivo), *resultativo* (pg. *ficar* + gerúndio/+ *a* + infinitivo; pg. *acabar* + *por* + infinitivo — rom. *a sfârși* + *prin* + infinitivo) e *iminențial* (pg. *estar* + *para/a* + infinitivo – rom. *a sta* + conjuntivo)⁴⁸.

3.3. A existência, tanto no português e romeno como noutras línguas românicas (o caso do espanhol, por exemplo), das estruturas do tipo *pegar e + perífrase verbal hipotática de valor aspectual* põe em questão não apenas a primeira interpretação, segundo a qual os verbos em referência têm valor ingressivo, mas também a segunda, segundo a qual os mesmos verbos servem para a expressão também de um valor aspectual, chamado “aspecto unitário” ou “visão globalizadora”. Se admitirmos esta interpretação, resultará que nos enunciados (23)-(33) as estruturas paratáticas exprimem simultaneamente o “aspecto unitário” ou a “visão globalizadora” — através dos verbos *pegar*, *agarrar* – *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* —, ou seja uma acção vista como um todo, e o “aspecto fragmentário” ou a “visão parcializadora” (ingressiva, iterativa, progressiva, continuativa, cessativa) através dos auxiliares de aspecto, ou seja uma acção vista num ponto ou entre dois pontos do seu desenvolvimento. Uma tal interpretação, no entanto, aparece em total desacordo com a própria tese, pois os dois aspectos ou as duas visões são considerados/-as *opostos/-as*, dispondo cada um(a) de meios próprios de expressão:

⁴⁸ Ver *infra*, 4.2. a explicação da incompatibilidade entre essas perífrases aspectuais e os verbos do tipo «pegar» nas estruturas paratáticas.

“En las lenguas románicas, [el giro paratáctico] pertenece a la categoría aspectiva a la que llamo «visión» y, en cuanto «global», se opone a las perífrasis verbales positivamente marcadas como «cursivas», es decir, a las perífrasis que señalan que la acción no está considerada en su globalidad sin en un punto (o entre dos puntos de su desarrollo)”⁴⁹.

Decorre implicitamente das observações anteriormente feitas que não se verifica nem a ideia de na construção paratáctica “*toda* la acción estar indicada como realizada”⁵⁰, já que a acção pode ser vista no seu início, no seu termo, como iterativa, progressiva ou continuativa.

Na base do que ficou salientado, podemos concluir, por enquanto, que os verbos ocorrentes nas estruturas paratácticas *não são auxiliares de aspecto*. Qual, então, a função deles? São eles auxiliares de modalidade como (pg.) *dever, poder*, etc. — (rom.) *a trebui, a putea*, etc.? A resposta é novamente negativa, pois os nossos verbos toleram à esquerda um tal modalizador. Por exemplo, em português, o verbo *dever*, ao indicar ‘necessidade’, ou *ter de/que* pode acompanhar estruturas paratácticas:

(34) *Deve/tem de pegar e cortar o mal pela raiz.*

O mesmo verifica-se no romeno, onde *a trebui* (‘dever’, ‘ter de/que’) pode surgir com os dois valores, ‘necessidade’ ou, quando seguido pela conjunção subordinativa *que*, ‘probabilidade’ (tendo o paradigma reduzido à forma do presente do indicativo e exigindo aos outros verbos uma certa forma temporal):

(35) *Trebuie să te iei și să tai răul de la rădăcină.* (‘Tem de pegar e cortar o mal...’)

(36) *Trebuie că s-a luat și a tăiat răul de la rădăcină.* (‘Deve ter pegado e cortado o mal...’)

A situação é semelhante quando o modalizador é um verbo de valor hipotético, como pg. *poder* — rom. *a putea*:

(37) *Cuidado, pode agarrar e contar tudo.*

(38) *Atenție, se poate apuca și povesti totul.*

⁴⁹ COSERIU, E. — «*Tomo y me voy*», p. 130.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 127.

Além dessa situação, encontram-se nas duas línguas estruturas compostas por um auxiliar de modalidade, um dos verbos *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune*, um auxiliar de aspecto e um verbo “pleno”. Por exemplo:

(39) *Cuidado! Ele pode pegar e começar a contar tudo.*

(40) *Atenție! El poate să se ia și să înceapă a povesti totul.*

Se considerarmos os nossos verbos auxiliares, estaremos perante uma só perífrase verbal (gramaticalizada) composta por um verbo básico, colocado na última posição, e três auxiliares — ou mais, se o primeiro verbo estiver num tempo composto ou num modo marcado por auxiliar, como é o caso do condicional no romeno. Uma tal perífrase (sintacticamente, *um predicado*) teria, portanto, a seguinte estrutura:

(Aux._M + Aux._T +) Aux._{Md} + Aux.(?) + C.cop. + Aux._A + Prep. + V_b

pg. *Teria podido pegar e começar a contar.*
rom. *Ar fi putut să se ia și să înceapă a povesti.*

(onde Aux._M = auxiliar de modo; Aux._T = auxiliar de tempo; Aux._{Md} = auxiliar de modalidade; Aux.(?) = auxiliar do tipo *pegar*; Aux._A = auxiliar de aspecto; C.cop. = conjunção copulativa; Prep. = preposição)

3.4. Da análise desenvolvida resulta já claramente que os verbos *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* ocorrentes nas estruturas paratáticas não são nem auxiliares de aspecto, nem auxiliares de modalidade. Certos aspectos do seu funcionamento discursivo mostram nitidamente que *o processo de desemantização e de gramaticalização destes verbos não está concluso*, e põem em questão até a interpretação deles como auxiliares. Focaremos de seguida alguns desses aspectos.

3.4.1. Ao contrário dos auxiliares de tempo, de modo, de aspecto ou de modalidade, que, na estrutura verbal, são (em português) ou podem ser (em romeno) os únicos portadores das marcas de predicação, nas chamadas “perífrases paratáticas” as marcas de predicação são expressas tanto ao nível do primeiro verbo, como do segundo:

pg. <i>pega e fala</i>	rom. <i>(se) ia și vorbește</i>
<i>pegou e falou</i>	<i>(se) lua și vorbi; (s-)a luat și a vorbit</i>
<i>(que) pegue e fale</i>	<i>să (se) ia și să vorbească</i>
<i>(que) pegasse e falasse</i>	<i>să (se) fi luat și să fi vorbit</i>
<i>(que) tivesse pegado e (tivesse) falado</i>	
<i>teria pegado e (teria) falado</i>	<i>(s-)ar fi luat și ar fi vorbit</i>
etc.	etc.

O facto de cada um dos dois verbos ter a sua *flexão própria* aproxima as estruturas paratáticas das estruturas copulativas livres e representa um primeiro argumento contra a interpretação delas como perífrases (gramaticalizadas).

No romeno, essa situação não é, porém, singular. Têm a mesma configuração, de tipo paratático, e marcas redundantes para as categorias do modo, tempo, número e pessoa certas estruturas verbais, também específicas da linguagem popular e familiar, qualificadas esporadicamente como perífrases de valor aspectual durativo. Referimos as estruturas com o verbo *a sta* (‘estar’) ou *a șede* (‘estar sentado’) do tipo:

- (41) *Ce tot stai și/de spui acolo?* (lit. ‘Que estás e dizes aí?’; ~ ‘Que estás a dizer aí?’)
- (42) *Stau și/de mă gandesc câteodată la vremea copilăriei mele.* (lit. ‘Estou e penso às vezes na altura da minha infância’; ~ ‘Estou a pensar as vezes...’)
- (43) *Șede și/de cască gura prin târg.* (lit. ‘Está sentado e anda [sic!] à toa pela feira’; ~ ‘Está andando à toa pela feira’)

Tais “perífrases” são, no entanto, muito raras, ocorrem quase exclusivamente no indicativo presente e constroem-se apenas com certos verbos “plenos”, como os dos exemplos. Do ponto de vista do grau da cristalização, a sua situação é comparável à das estruturas com verbos do tipo «pegar»⁵¹.

No espaço românico, as estruturas paratáticas de valor aspectual durativo encontram correspondentes em italiano e, no perímetro balcânico, no

⁵¹ Ver *infra*, 3.4.10.

grego moderno e em albanês⁵². Trata-se, portanto, de um fenómeno de relativamente larga difusão, cuja origem deve ser a mesma das estruturas do tipo «pegar e + V₂», isto é, o grego antigo e cristão.

3.4.2. Nas estruturas paratáticas, os verbos do tipo «pegar» sofrem uma mudança semântica, precisamente *perdem o sentido concreto e adquirem um sentido abstracto*. Isto faz com que eles se coloquem relativamente perto dos autênticos auxiliares, sem se tornarem contudo meros instrumentos gramaticais. A abstractização semântica desses verbos está em sintonia com um processo de *reflexivização*, cuja melhor “tradução” em português se realiza através dos sintagmas *pegar em si*, *agarrar em si*, e em romeno através das formas pronominais em que tendencialmente ocorrem os verbos *a lua*, *a apuca*, *a pune*: *a se lua*, *a se apuca*, *a se pune*. Este processo de reflexivização dá conta da transferência do ‘movimento’ denotado pelo verbo *do domínio do mundo exterior para o domínio do mundo interior*. Ou seja, indica a conversação do ‘movimento’ objectivo — consistindo em deslocação (pg. *ir*, *chegar*, *andar*), colocação (rom. *a pune* — ‘pôr-se’) ou gesticulação (pg. *pegar*, *agarrar*, *tomar* — rom. *a lua*, *a apuca*) — num *movimento subjectivo*. Já que este movimento se consuma no domínio de EU e se apaga a ideia de espacialidade, assistimos simultaneamente a uma conversação da ‘extensividade’ em ‘intensividade’.

Para seguirmos melhor essas mudanças semânticas, analisaremos um caso particular, isto é, o verbo *pegar*.

3.4.2.1. Com o sentido concreto ‘apanhar, tomar, agarrar’ (do qual derivou o sentido abstracto), este verbo — que designamos por *pegar*₁ — convoca em competência dois actantes, A e B, diferentes do ponto de vista referencial (A # B):

A pegou₁ em B
(O Zé pegou no menino/no livro...)

De entre os dois actantes, A é o actante-agente, sujeito sintáctico e ‘origem’/‘fonte’ de um movimento que afecta B. Por seu turno, B é o actante-paciente, objecto sintáctico e ‘meta’ do movimento. Portanto, o movimento

⁵² Ver COSERIU, E. — *El aspecto verbal perifrástico*, pp. 257-258.

— unidireccional (de A para B) — consuma-se entre dois pontos que têm uma distribuição espacial:



3.4.2.2. Com o sentido abstracto — *pegar*₂ —, o mesmo verbo convoca em competência um único actante, A:

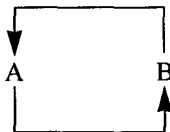
A pegou₂ e + V₂
(O Zé pegou e saltou)

Este actante é, na maioria dos casos⁵³, agente, sujeito sintáctico, ‘origem’/‘fonte’ de um movimento subjectivo e, ao mesmo tempo, ‘meta’ deste mesmo movimento. Como se trata de um movimento cuja origem e limite coincidem, a ideia de ‘especialidade’ é substituída pela ideia de ‘locatividade’ e, daqui, a ‘extensividade’ por ‘intensividade’.

Com o mesmo sentido abstracto, *pegar*₂ pode também apresentar uma configuração actancial semelhante à de *pegar*₁:

A pegou₂ em B e + V₂
(O Zé pegou em si e saltou)

Neste caso, A é também o actante-agente, sujeito sintáctico e ‘origem’/‘fonte’ de um movimento que afecta B; B é o actante-paciente, objecto sintáctico e ‘meta’ do movimento. No entanto, ao contrário de *pegar*₁, os actantes de *pegar*₂ são coreferenciais, ou seja o actante-agente é ao mesmo tempo o actante-paciente (A = B) e, implicitamente, não só ‘origem’/‘fonte’, mas também ‘meta’ do movimento:



3.4.2.3. Em certos contextos, o *pegar* biactancial cumula os dois sentidos, concreto e abstracto — *pegar*₃. Trata-se dos casos — aliás raros —

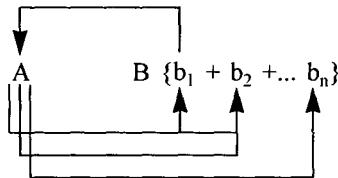
⁵³ Para outras situações, ver *infra*, 4.4.2.

em que o segundo actante (B) aparece como constituinte múltiplo, sendo um dos seus submúltiplos obrigatoriamente pronome reflexivo:

A pegou em B $\{b_1 + b_2 + \dots + b_n\}$ e + V_2

(“«mais de um desempregado pegou em si e uma corda, foi aos jornais, copiou os anúncios, e deitou-se à caçada»”⁵⁴).

Dada a configuração de B, A é idêntico do ponto de vista referencial com um dos seus submúltiplos e distinto do(s) outro(s): $A = b_1$, mas $A \neq b_2, b_n$.



Há simultaneamente, nesse caso, um movimento subjectivo/reflexivo, que implica a ideia de locatividade — A é o actante-agente, sujeito sintáctico e origem/fonte do movimento, mas igualmente paciente e ‘meta’ do mesmo movimento (*pegou em si*) —, e um movimento objectivo, que implica a ideia de espacialidade, com origem em A – actante-agente, sujeito sintáctico — e ‘meta’ num actante distinto – entidade afectada (paciente).

3.4.3. Ao integrarem os verbos em foco na classe dos auxiliares, linguistas como Coseriu, Dietrich e outros invocaram certas propriedades semânticas e morfosintácticas, que, como veremos, nem sempre se verificam ou não se verificam na totalidade; isto é:

- a) os verbos não indicam uma outra acção para além daquela expressa pelo verbo que acompanham;
- b) não têm função predicativa própria (propriedade que decorre logo da primeira);
- c) não podem aparecer na voz passiva;
- d) não recebem complemento (nem directo ou indirecto, nem circunstancial).

⁵⁴ *Apud* SILVA, António de Morais — *Op. cit.*, 1955, vol. VIII: *pegar*.

3.4.3.1. De entre as propriedades assinaladas, a derradeira surge como o argumento mais forte para a defesa da índole morfemática dos verbos em análise (o facto de não expressarem uma outra acção distinta da acção do segundo verbo não significa logo que os verbos do tipo «pegar» não carregam uma informação léxica, e, daqui, que não têm função predicativa; a incompatibilidade com a voz passiva não se verifica somente no caso desses verbos, mas também de vários verbos “plenos” e tem a ver com o semantismo deles e com a intransitividade⁵⁵). Na verdade, ao compararmos os enunciados:

(44) *Pegou e cortou o cabelo.*⁵⁶

(45) *(S-)a luat și și-a tăiat părul.*

e:

(46) *Pegou numa tesoura e cortou o cabelo.*

(47) *A luat o foarfecă și și-a tăiat părul.*

observamos que apenas nos últimos dois os verbos *pegar* – *a lua*, com o sentido ‘agarrar, apanhar’, recebem um complemento — directo no romeno, indirecto no português. O mesmo acontece quando os nossos verbos são actualizados no discurso como reflexivos: enquanto verbos “plenos”, regem um complemento indirecto ou um circunstancial locativo, propriedade que perdem nas estruturas paratácticas, simultaneamente com a mudança semântica. Compare-se:

(48) *Agarrou-se e matou-o com a espada.*

(49) *S-a apucat și a sărit pe acoperiș.* (‘Agarrou e saltou em cima do telhado.’)

(50) *S-a pus și i-a despărțit.* (‘Pegou e separou-os’),

face a:

(51) “mas ela [...] chamou o leão, e o leão agarrou-se a ele, e ela com a espada matou-o”

(*Contos*, 215)

⁵⁵ Ver *infra*, 4.3.

⁵⁶ Os exemplos romenos que se seguem traduzem, com poucas excepções, os exemplos portugueses.

- (52) “— Mana, governa-te e pega-te com Nossa Senhora.” (*Contos e Lendas*, 14)
- (53) *S-a apucat de o creangă și a sărit pe acoperiș.* (‘Agarrou num ramo e saltou em cima do telhado.’)
- (54) *S-a pus între ei și i-a despărțit.* (‘Meteu-se entre eles e os separou’)

3.4.3.2. No entanto, apesar de deixarem de reger complementos directos, indirectos ou circunstanciais locativos, os verbos *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* não perdem por inteiro a capacidade de regente. Eles podem receber *determinantes facultativos*, precisamente circunstancias temporais da categoria semântica dos “instantâneos”, tais como pg. *logo*, *imediatamente*, *no mesmo instante*, etc. — rom. *pe loc*, *imediat*, *îndată*, *în aceeași clipă*, etc., ou circunstanciais modais, tais como pg. *subitamente*, *de repente*, etc. – rom. *brusc*, *deodată*, etc. Muitas vezes, o circunstancial cumula os dois valores, temporal e modal. Assim, nos enunciados:

- (55) *Pegou/agarrou logo e fez as malas.*
- (56) *S-a luat/s-a apucat/s-a pus imediat și a făcut bagajele.*

é obvio que os circunstanciais temporais-modais *logo* – *imediat* dependem de *pegou/agarrou* – (*s-*) *luat/s-a apucat/s-a pus*, e não de *fez* – *a facut*, pois a colocação deles após o segundo verbo altera a informação:

- (57) *Pegou/agarrou e fez logo as malas.*
- (58) *S-a luat/s-a apucat/s-a pus și a făcut imediat bagajele.*

3.4.3.3. Não é menos importante um outro aspecto, que se verifica desta vez somente em português e apenas com *pegar* e *agarrar*: estes verbos guardam — como vimos⁵⁷ — parcialmente, apesar da abstractização semântica sofrida, a configuração actancial que apresentam enquanto verbos concretos. Justamente, continuam a receber um tipo especial de determinantes acompanhados pela preposição *em*, iguais formalmente a um complemento indirecto. Ter-se-á presente, no entanto, que estes “determinantes”

⁵⁷ Ver *supra*, 3.4.2.2.

são expressos exclusivamente por pronomes reflexivos e são dispensáveis (ou seja, facultativos): *peguei/agarrei em mim e...*, *pegaste/agarraste em ti e...*, *pegou/agarrou em si e...*, *pegámos/agarrámos em nós e...*, etc.⁵⁸. Quando actualizado, o pronome reflexivo consome a valência do verbo, como o nome ou um outro tipo de pronome a valência do mesmo verbo usado com sentido concreto: *pegou no livro*, *agarrou nele*, etc.

3.4.4. Nos enunciados com a *passiva resultativa*⁵⁹ que ilustram a predicação do objecto directo (pg. *ter* + *objecto directo* + *participio passado acordado em género e número com o objecto directo* — rom. (a) *avea* + *objecto directo* + *participio acordado em género e número com o objecto directo*), os verbos em foco apresentam uma notável *autonomia formal* em relação ao segundo verbo da estrutura paratáctica: eles ocorrem ou podem ocorrer num *tempo diferente do do segundo verbo*. Em português, se *pegar* ou *agarrar* estiver no pretérito perfeito simples, o segundo verbo (*ter*) estará, normalmente, no pretérito imperfeito:

(59) *Peguei/agarrei e às cinco/numa hora tinha o trabalho feito.*

Um enunciado com a *passiva resultativa* em que os dois verbos estão no pretérito perfeito, se não é mal formado, é, de qualquer maneira, pouco acessível:

(60) (?) *Peguei/agarrei e às cinco/numa hora tive o trabalho feito.*

Uma situação semelhante verifica-se no romeno, só que aqui são possíveis as duas variantes:

(61) *M-am luat/m-am apucat și la cinci/intr-o oră aveam lucrarea făcută (gata).*

(62) *M-am luat/m-am apucat și la cinci/intr-o oră am avut lucrarea făcută (gata).*

⁵⁸ Ver também os exemplos (2), (4), (147).

⁵⁹ Para os conceitos *passiva resultativa* e *passiva pré-resultativa* e para uma análise pormenorizada das estruturas correspondentes em português, ver FONSECA, Joaquim — *Predicação do complemento directo em português*, in FONSECA, J. — *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*, Porto, Porto Editora, 1993, nomeadamente pp. 46-52.

Essa dessimetria (pretérito perfeito — pretérito imperfeito) que se produz dentro da estrutura paratáctica reflecte a *sucessividade lógica dos factos*, pois o resultado da acção (indicado pela estrutura condensada *tinha o trabalho feito* < *tinha o trabalho* + *o trabalho estava feito*) não pode senão surgir certos momentos depois do impulso (*peguei, agarrei* — *m-am luat, m-am apucat*) que provoca e leva a efeito a própria acção. Por outras palavras, o imperfeito do segundo verbo indica a *posterioridade do resultado da acção em relação ao tempo da sua iniciação*, que coincide com o tempo do impulso de vontade por parte de locutor⁶⁰.

Se na estrutura paratáctica dos enunciados com a passiva resultativa os verbos do tipo «pegar» ocorrerem no presente — que tem o valor do futuro próximo —, o segundo verbo estará quer no futuro, quer no presente com valor do futuro menos próximo. Por consequência, mesmo que os dois verbos estejam no mesmo tempo gramatical, desenha-se uma certa graduação do ponto de vista temporal das “situações” que cada um denota:

(63) *Pego e às cinco/dentro de uma hora (mostro-te que) terei o trabalho feito.*

(64) *Pego e às cinco/dentro de uma hora (mostro-te que) tenho o trabalho feito.*

(65) *Mă iau și la cinci/intr-o oră (îți dovedesc că) o să am lucrarea făcută.*

(66) *Ma iau și la cinci/intr-o oră (îți dovedesc că) am lucrarea făcută.*

3.4.5. A independência formal, que reflecte uma certa independência das “situações” do plano extralinguístico, verifica-se também ao nível do modo dos dois verbos da estrutura paratáctica: enquanto o primeiro verbo aparece no *indicativo*, o segundo pode estar no *condicional*⁶¹:

⁶⁰ Ver *infra*, 4, o funcionamento discursivo desses verbos.

⁶¹ Ao contrário da gramática portuguesa (moderna) que considera o condicional um tempo do indicativo, designado por «futuro do passado», na gramática romena o condicional continua figurar entre os modos predicativos, já que não perdeu os valores modais específicos. Aliás, apesar de poder exprimir o futuro no passado, nem em português o condicional perdeu os seus valores modais. Em muitos contextos ele serve para a expressão de um desejo ou tem valor hipotético, como em: *Gostaria de ir visitar Lisboa, Para ti faria isto, Iria, se for possível*, etc.

(67) *Peguei e, se não tivesse entrado o Victor, ter-lhe-ia dado uma bofetada.*

(68) *M-am luat și, dacă n-ar fi intrat Victor, i-aș fi dat o palmă.*

O uso dos dois modos não é casual, pois o indicativo aponta para uma situação *real*, que se efectivou (*peguei — m-am luat*), enquanto o condicional aponta para uma situação *irreal*, que esteve para se efectivar, mas acabou por não o ser (*teria dado — as fi dat*).

3.4.6. Um outro aspecto que põe em questão a interpretação dos verbos *pegar, agarrar — a (se) lua, a se apuca, a se pune* como auxiliares é o facto de eles poderem ocorrer, nas duas línguas, numa *oração de tipo enunciativo*, enquanto o segundo verbo pertence a uma *oração de tipo interrogativo*, situação que não se verifica em nenhuma das autênticas perífrases verbais (gramaticalizadas). Exemplos:

(69) *Então eu peguei e aonde (é que) fui?*

(70) *E tu agarraste e (o que é) que fizeste?*

(71) *E ele pegou e (o que é) que disse?*

(72) *Atunci m-am luat și unde (anume) m-am dus?*

(73) *Și tu te-ai apucat și ce (anume) ai făcut?*

(74) *Și el s-a luat și ce (anume) a spus?*

Visto que as interrogativas são parciais, o morfema *Q* (o pronome ou o advérbio interrogativo) pode aparecer colocado em posição final, sendo esta ordem uma estratégia de o pôr em destaque e de o isolar, do ponto de vista fonético, dos demais constituintes do enunciado. De entre as duas línguas, é o português que valoriza mais a estratégia:

(69') *Então eu peguei e fui aonde?*

(70') *E tu agarraste e fizeste o quê?*

(71') *E ele pegou e disse o quê?*

Em romeno, tais estruturas são pouco frequentes:

(72') (?) *Și eu m-am luat și m-am dus unde?*

(73') (?) *Și tu te-ai apucat și ai făcut ce?*

(74') (?) *Și el s-a luat și a spus ce?*

Por vezes, nos enunciados caracterizados por contorno entoacional descontinuo, pode surgir, depois da conjunção copulativa, um verbo na segunda pessoa, com função fática, como nos exemplos:

(75) *Peguei e sabes aonde é que fui?/o que é que lhe disse?
Fui.../Disse...*

(76) *M-am luat și știi unde m-am dus?/ce anume i-am spus? M-am
dus.../I-am spus...*

Todos esses enunciados são a consequência da mudança do projecto sintáctico pelo locutor: em vez de dizer *Peguei e disse-lhe*, o locutor abandona, logo depois da conjunção copulativa, a estrutura de tipo declarativo e opta para uma estrutura interrogativa que estimula a atenção do alocutário, adianta a revelação dos eventos do que está falando e lhes confere dimensões que os projectam para cima do vulgar. Em consequência, o segmento declarativo *peguei e* fica suspenso no enunciado em que ocorre, sendo a estrutura sintáctica do enunciado também *descontinua*⁶². Semanticamente, esse segmento relaciona-se com o verbo que inicia o enunciado seguinte: *Peguei e [...?] Fui.../Disse...*”.

3.4.7. Uma situação semelhante encontramos nos enunciados compostos por um segmento declarativo, representado por um dos verbos em foco,

⁶² Sobre o fenómeno de descontinuidade considerado sob os seus dois aspectos fundamentais — descontinuidade existente como «datum» na estrutura interna da língua e descontinuidade configurada no discurso —, ver MERLAN, Aurélia — *Sintaxa și semantica-pragmatica limbii române vorbite, vol. I, Discontinuitatea [Sintaxe e Semântica-Pragmática do Romeno Falado. vol. I: Descontinuidade]*, Iasi, Editura Universitatii “Al. I. Cuza”, 1998, onde são analisadas, para além das estruturas do romeno falado em que o fenómeno se objectiva, as estruturas correspondentes de outras línguas românicas, nomeadamente do português.

e um segmento exclamativo, enunciados cuja circulação na variante popular tanto do português como do romeno está fora de qualquer dúvida:

(77) *Olhe, peguei e o que lhe fiz!... Nem imaginas!*

(78) *Apoi (apăi) m-am luat și ce i-am făcut!... Nici nu-ți închipui!*

como também em:

(79) *Peguei e não imaginas o que eu lhe fiz!*

(80) *M-am luat și nici nu-ți imaginezi ce i-am făcut!*

Semanticamente, o verbo com que *pegar* – *a (se) lua se* relaciona é (pg.) *fiz* — (rom.) *am facut*, mas do ponto de vista sintáctico, dado que este verbo pertence a uma oração exclamativa, como em (77)–(78), ou a uma oração subordinada (completiva), como em (79)–(80), a relação de coordenação, marcada pelo conector *e* — *și*, está suspensa.

3.4.8. Os verbos *pegar*, *agarrar* – *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune*, tendo a configuração semântica que apresentam nas estruturas paratácticas, ocorrem também em estruturas de tipo subordinativo, justamente em subordinadas condicionais. É apenas no romeno que se verifica uma tal situação. Compare-se (a) e (b):

(a) (81) *Pego e numa hora tenho/terei o artigo escrito.*

(82) *Mă iau și într-o oră am/voi avea articolul scris.*

(b) (83) **Se (eu) pegar, (mostro-te que) numa hora tenho/terei o artigo escrito.*

(84) *Dacă mă iau, (îți demonstrez că) într-o oră am articolul scris.*

3.4.9. Não deixamos de salientar um outro aspecto que sublinha a autonomia dos verbos do tipo «pegar» na estrutura paratáctica. Este aspecto tem a ver com a *negação*, que pode atingir, em certos contextos, somente o segundo verbo, enquanto o primeiro mantém a forma afirmativa:

(85) *Pegou e não falou comigo mais de um mês.*

(86) *Pegou e não parou de correr até a casa.*

(87) *S-a luat și n-a vorbit cu mine mai bine de o lună.*

(88) *S-a luat și nu s-a oprit din alergat până acasă.*

3.4.10. Enfim, acrescentemos que às vezes os verbos *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* se relacionam com o segundo verbo por *justaposição*, o que mostra uma vez mais que a estrutura paratáctica *não está cristalizada*. (Nas perífrases gramaticalizadas, como são por exemplo as de valor aspectual, a supressão da preposição conduz a uma construção não identificável na língua: pg. **pôs-se falar*, em vez de *pôs-se a falar*; rom. **s-a pus povestit*, em vez de *s-a pus pe povestit*.). Para o romeno cita um tal exemplo Al. Graur:

(89) “«s’a pus, s’a maritat»” (‘pegou, casou’)

Encontrámos um exemplo semelhante em português, no texto de um conto popular da região transmontana, *O Olharapo*⁶³; outros dois foram preferidos espontaneamente por uma senhora do Porto enquanto estávamos a conversar:

(90) “O home[m], coitadinho, não cerrou olho e estava a estudar como debia fazer. E, então, do que se lhe lembrou: agarrou, meteu o espeto no lume a aquecer e, quando já estava reluzente, bai mu[i]nto debagarinho e, zás!, espeta-lho no olho e tirou-lho olho.”

(91) “Hoje vão dar a novela mais cedo e às dez dão futebol. E eu pego, deito-me.” (M.S., 56 anos, costureira)

(92) “Peguei, assei as batatas.”

3.4.11. Os aspectos que acabamos de focar levam à conclusão de que, apesar de os verbos *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* apresentarem, nas estruturas paratácticas, um semantismo que dificilmente se deixa captar, eles *não chegaram a ser meros “mots fonctionnels”*. Logo, as

⁶³ O conto foi publicado por RAMOS, Manuel — *Do Ciclope da Odisseia ao Olharapo da Tradição Oral Transmontana*, in «Estudos de Literatura Oral» (ELO), 1997, n.º 3, Universidade do Algarve, pp. 145-158. O uso do verbo *agarrar* chamou a atenção do autor, que lhe atribui um “valor puramente expletivo [s.n.], servindo apenas para reforçar o verbo seguinte.” (pp. 146, nota 12).

estruturas paratáticas *não são estruturas cristalizadas, gramaticalizadas*, mas — talvez — estruturas *em decurso de gramaticalização*. Uma tal hipótese não deve surpreender, pois em cada sincronia da evolução de uma língua há *processos já concluídos, processos numa fase transitória*, que não se deixam enquadrar perfeitamente numa classe, e o que se pode chamar *tendências*.

4. Pragmática dos verbos do tipo «pegar» nas estruturas paratáticas

4.1. Ao analisarmos os enunciados que ilustram acima as estruturas paratáticas com *pegar, agarrar* — *a (se) lua, a se apuca, a se pune*, observamos que, devido à presença destes verbos, está projectado em cada um deles o traço /+ *impulso*/ — visto como um *acto de vontade, de decisão, de atrevimento*, etc. — que leva o actante-sujeito sintáctico⁶⁴ a cumprir a acção indicada pelo segundo verbo da estrutura. Este traço arrasta consigo a ideia de *arranque e efectividade da acção* — sem que esta seja necessariamente realizada na sua globalidade. Por implicarem arranque e efectividade da acção, os verbos em foco são compatíveis com estruturas (ilustrando a predicação do objecto) que albergam a passiva resultativa⁶⁵, mas incompatíveis com as estruturas condensadas que albergam a passiva pré-resultativa, do tipo:

pg. *ter + objecto directo + por/sem + infinitivo* (termo predicativo)
rom. *(a) avea + objecto directo + supino* (termo predicativo)

Da associação de *pegar, agarrar* — *a (se) lua, a se apuca, a se pune* com uma tal estrutura surgem enunciados mal formados:

(93) **Pegou e teve o quarto por/sem arrumar.*

(94) **S-a luat și a avut camera de aranjat.*

Ter-se-á presente, no entanto, que os verbos em referência podem ocorrer também em *situação de “não acção”*, quer com verbos actualizados na

⁶⁴ Usamos o termo “actante” sem nenhuma alusão ao qualificativo ‘activo’ em oposição com ‘passivo’.

⁶⁵ Ver *supra*, 3.4.3.

forma negativa, quer com perífrases aspectuais de valor cessativo, quer com estruturas representando soluções condensadas que albergam o verbo *deixar* como transitivo predicativo⁶⁶ e a subestrutura estativa *N + ser/estar + Predicado* ou a passiva pré-resultativa *N + estar + por + infinitivo*:

(95) *A Ana pegou e não fez nada.*

(96) *A Ana pegou e deixou de falar.*

(97) *A Ana pegou e deixou o quarto por arrumar.*

Ao mesmo tempo, o traço /+ impulso/ envolve a ideia de *salto* quer de um momento “passivo”/do tempo da não acção ou da indecisão para um momento “activo”/o tempo da acção (o tipo: *peguei e fui-me embora*), quer, pelo contrário, de um momento activo/do tempo da acção para um momento “passivo”/o tempo da não acção (o tipo: *peguei e calei-me, peguei e deixei de falar*), o que equivale a uma *mudança no estado das coisas*. Isto faz com que a fronteira entre os dois estados de coisas opostos, que, na maioria dos casos, coincide com o ponto de partida da acção, apareça sempre bem destacada. Julgamos que é esse o aspecto que levou muitos autores, em épocas e espaços diferentes e ao referirem a construção paratáctica em línguas diferentes, a atribuírem aos verbos em referência valor aspectual ingressivo. Ao mesmo tempo, os verbos em foco têm ainda em comum com os auxiliares de valor aspectual ingressivo o traço /+ instantaneidade/.

Por desenharem pelo seu semantismo uma mudança no estado de coisas, os verbos *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* das estruturas paratácticas aproximam-se dos verbos *eventivos*.

4.2. É essa *mudança* — e *dinâmica* —, consequência imediata do traço /+ impulso/, projectada nas perífrases paratácticas pelos verbos em referência que é responsável pelas restrições combinatórias assinaladas em 3.2.2.

Primeiro, não são compatíveis com os verbos *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* as perífrases aspectuais de valor durativo ou dura-

⁶⁶ Ao contrário do verbo transitivo predicativo *ter*, que coloca o actante na posição de ‘beneficiário’ e, consequentemente, de ‘não agente’, *deixar*, para além de exprimir o valor ‘cessativo’, coloca o actante na posição de agente, que reage de uma certa maneira. É por isso que a estrutura condensada com *deixar* + passiva pré-resultativa se pode relacionar copulativamente com os verbos do tipo «pegar», enquanto a com *ter* + passiva pré-resultativa se mostra incompatível.

tivo-frequentativo a indicarem uma acção vista no seu *efectivo desenvolvimento*, entre o ponto de partida e o ponto de chegada:

(98) **Pegou e esteve a contar a história.*

(99) **Pegou e andou a procurar a filha.*

Em segundo lugar, são incompatíveis com esses verbos as perífrases aspectuais de valor iminencial, pois o traço ‘iminencialidade’ torna gratuito o traço ‘impulso’ que desencadeie a acção:

(100) **Peguei e estava para entrar na sala.*

(101) **M-am luat și am stat să intru în sală.*

No entanto, essa incompatibilidade não é alheia à função do auxiliar de aspecto *estar* — cujo correspondente no romeno é *(a) sta* —, pois enquanto *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca* (menos *a se pune*) são operadores dinâmicos, o auxiliar *estar* é um operador de *estatividade*. Julgamos que é esta a motivação principal da incompatibilidade. Se em vez de *estar* — *(a) sta* recorrermos a um auxiliar aspectual de valor iminencial não *estativo*, como é *ir* em português e *(a) da* (‘dar’) em romeno, as estruturas tornam-se gramaticais:

(102) *Peguei e ia a entrar na sala, mas a porta estava trancada.*

(103) *M-am luat și am dat să intru în sală, dar ușa era încuiată.*

4.3. Da análise acima desenvolvida e dos exemplos com que ilustrámos as estruturas paratácticas resulta já claramente que dois enunciados do tipo:

(104) *Cortou o mal pela raiz.*

(105) *A tăiat răul de la rădăcină.*

e

(106) *Pegou e cortou o mal pela raiz.*

(107) *S-a luat și a tăiat răul de la rădăcină,*

não são iguais do ponto de vista semântico e pragmático (para além da diferença sintáctica). Enquanto o primeiro enunciado veicula apenas a informação objectiva, o segundo carrega-se, simultaneamente, de uma *informação subjectiva*, que tem a ver com o *envolvimento/a implicação do actante no cumprimento da acção* e/ou com uma *avaliação por parte do locutor* dessa implicação⁶⁷. Na maioria dos casos não se trata de uma implicação não intencional, antes pelo contrário, de uma *implicação consciente, deliberada*. Portanto, devido aos verbos *pegar, agarrar — a (se) lua, a se apuca, a se pune* nessas estruturas está *presente um actante-agente*, que provoca *deliberadamente* um processo. Logo, tudo isto infirma a teoria da “expletividade” ou do uso “pleonastico” dos verbos em referência.

Do que acabámos de salientar, resulta que:

- a) as estruturas paratácticas são *estruturas pessoais*, cujo sujeito gramatical é um nome da classe dos ‘humanos’;
- b) não podem surgir senão *na voz activa* (já que os verbos *pegar, agarrar — a (se) lua, a se apuca, a se pune* projectam nelas o traço /+ *agentividade*/).

Para provar as duas características, basta imaginar os seguintes exemplos:

- a) (108) **Pegou/agarrou e anoiteceu/amanheceu/choveu...*
- (109) **Pegou/agarrou e saiu fumo em toda a casa.*
- (110) **(S-)a luat/s-a apucat și s-a înnoptat/s-a luminat de ziuă//a plouat...*
- (111) **S-a luat/s-a apucat și a ieșit fum în toată casa.*
- b) (112) *O Paulo pegou e arrumou os livros. # Os livros foram pegados e arrumados pelo Paulo.*
- (113) *Paul s-a luat și a aranjat cărțile. # Cărțile au fost luate și aranjate de Paul.*

(Os enunciado passivos são variantes dos enunciados: *O Paulo pegou nos livros e arrumou-os — Paul a luat cărțile și le-a aranjat*, e não variantes de *O Paulo pegou e arrumou os livros — Paul s-a luat și a aranjat cărțile*.)

⁶⁷ Ver *infra*, 4.6.

Os verbos ou as perífrases lexicais impessoais podem ocorrer nas estruturas paratáticas se utilizádos/-as como pessoais, mudança que arrasta geralmente a passagem da intransitividade para a transitividade, sendo muitas vezes o nome em acusativo o assim chamado complemento interno⁶⁸. Tais situações encontram-se no romeno, na linguagem popular. O uso dos verbos como *a ploua* (‘chover’), *a ningea* (‘nevar’), *a tuna* (‘trovejar’) ou das perífrases como *a da o ploaie* (lit. ‘dar uma chuva’/‘chover’), *a da o ninsoare* (lit. ‘dar uma neve’/‘nevar’) nas estruturas paratáticas em foco justifica-se do ponto de vista da crença ou da mentalidade popular, que atribui a Deus ou a vários santos os fenómenos atmosféricos. Eis alguns exemplos:

- (114) *Și unde nu se pune și-i dă o ploaie ca aceea, de s-au umflat apele râurilor.* (lit. ‘E onde não se põe [= ‘pega’] e dá uma chuva como aquela, que transbordaram as águas dos rios.’)
- (115) *Și peste noapte ia și plouă o ploaie de-aia adevărată.* (lit. ‘E de noite pega e chove uma chuva daquela verdadeira.’)
- (116) *Și deodată se apucă și-i trage o ninsoare/și se pune pe nins, de nu te vedeai om cu om.* (lit. ‘E de súbito, pega e dá uma neve/põe-se a nevar, que não se via pessoa com pessoa.’)

4.4. Em estreita relação com a semântica lexical do segundo verbo da estrutura paratática, os verbos *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* adquirem funções pragmáticas diferentes, que possibilitam a distinção entre dois funcionamentos/valores básicos:

- a) *valor deliberativo*;
- b) *valor não deliberativo*.

4.4.1. O **valor deliberativo** manifesta-se nas estruturas em que *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* se relacionam copulativamente com verbos que indicam *processos* (sobretudo *processos dinâmicos*) — ver-

⁶⁸ Em enunciados do tipo *Plouă o ploaie de primăvară* (‘Chove uma chuva de primavera’), o verbo *plouă* (‘chove’) é intransitivo e o nome *ploaie* (‘chuva’) é o seu sujeito interno. Nas estruturas paratáticas do tipo «pegar e + V₂», devido ao primeiro verbo (*pegar*, *agarrar* — *a se lua*, *a se apuca*, *a se pune*) está presente um actante-agente, responsável pela acção. A presença deste actante nota-se melhor nos enunciados em que ocorrem perífrases lexicais (designando fenómenos atmosféricos) que envolvem o verbo *a da* (‘dar’): *a da o ploaie* (lit. ‘dar uma chuva’), *a da o ninsoare* (lit. ‘dar uma neve’).

bos factitivos, de movimento, locativos, declarativos, etc. — ou *eventos* cujo sujeito sintáctico cumpre o papel de *agente*. Nessas estruturas, os verbos em foco exprimem *deliberação*, em estreita relação com o traço /+ *agentividade*/. Ou seja *pegar, agarrar* — *a (se) lua, a se apuca, a se pune* instauram no discurso um *contexto intencional*. A hipótese de estes verbos se combinarem preferencialmente com verbos dinâmicos e agentivos acha a melhor confirmação nas perguntas do tipo *E ele pegou/agarrou e fez o quê?*, em que o *fazer* (+ pronome interrogativo) não é senão um substituto de um verbo dessa classe (um pro-verbo). Por exemplo:

- (117) — *E ele agarrou e fez o quê?*
 — *Agarrou e* | — *destruiu tudo.*
 | — *correu cinco quilómetros.*
 | — *escondeu o dinheiro numa gaveta.*
 | — *respondeu ao director que não recebia ordem*
 | — *de ninguém.*
 | — *entrou na sala.*

- (118) — *Şi el s-a apucat şi ce a făcut?*
 — *S-a apucat şi* | — *a distrus totul.*
 | — *a alergat cincii kilometri.*
 | — *a ascuns banii într-un sertar.*
 | — *i-a răspuns directorului că nu primea ordin*
 | — *de la nimeni.*
 | — *a intrat în sală.*

No enunciado interrogativo, na mesma posição é excluído um substituto dos verbos não agentivos e não dinâmicos:

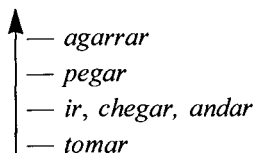
- (119) **E tu agarraste e sofreste o quê?*

- (120) **Şi tu te-ai luat şi ce ai păţit?*

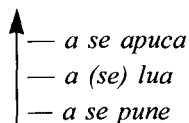
O uso de um tal substituto não é possível senão na ausência de *pegar/agarrar* — *a (se) lua/a se apuca/a se pune*, o que dá conta da incompatibilidade entre este e aquele.

A compatibilidade quase exclusiva com verbos que expressam processos dinâmicos (agentivos) deve-se ao facto de os verbos em foco serem eles próprios *verbos dinâmicos*. Apesar de estarem em parte esvaziados do sen-

tido lexical, eles guardam traços do dinamismo que lhes é característico enquanto verbos plenos. Dentro dessa classe de operadores dinâmicos, há, obviamente, uma certa graduação, no sentido do que uns têm um dinamismo mais forte do que outros. Em português, os extremos da escala são representados por *agarrar*⁶⁹ e *tomar*, enquanto *pegar* e os verbos de movimento — *ir*, *chegar* — se colocam numa posição intermédia:



Em romeno, aos extremos da escala situam-se *a se apuca* ('agarrar') e *a se pune* ('pôr-se'), tendo *a (se) lua* ('tomar', 'pegar') uma posição intermédia:



Ao compararmos os operadores das duas línguas, observamos que o português recorreu aos verbos caracterizados por um dinamismo mais forte do que o dos verbos romenos. Um verbo como pg. *tomar* ocorre bastante raramente nas estruturas paratáticas, enquanto o seu correspondente romeno, *a (se) lua*, parece ser o mais frequente. Também é relativamente frequente em romeno o verbo *a se pune* ('pôr-se'), que traduzimos, nas estruturas paratáticas, por 'pegar' sem ter o dinamismo deste. Por ser um verbo de muito fraco dinamismo semântico, *a se pune* não tem a mesma capacidade combinatória dos outros dois verbos romenos. Por exemplo, não pode, em princípio, ocorrer nas estruturas paratáticas com verbos de movimento. Diz-se:

⁶⁹ Chamamos a atenção sobre um pormenor relacionado com o semantismo de *agarrar* que sustenta a ideia do dinamismo forte deste verbo: em vários dicionários, alguns dos sinónimos que traduzem os seus valores semânticos — sinónimos entre os quais figuram *pegar* e *tomar* — aparecem acompanhados por advérbios ou perífrases adverbiais do tipo *fortemente*, *com violência*, *com força*, *muito*, *obstinadamente*. Ver, por exemplo, SILVA, A. de Moraes — *Op. cit.*, vol. I: “*agarrar*¹ v.t. = ‘prender fortemente’, ‘tomar com violência’, ‘pegar com força’”; “*agarrar*² v. refl. = ‘conchegar-se muito’, ‘dedicar-se obstinadamente’, etc.”.

- (121) *S-a luat/s-a apucat și s-a dus/a alergat...* ('Pegou/agarrou e foi-se/correu...')

e não

- (122) **S-a pus și s-a dus/a plecat/a alergat...* (lit. 'Pus-se e foi-se/correu...')

4.4.2. O **valor não deliberativo** manifesta-se nas estruturas em que os verbos *pegar, agarrar – a (se) lua, a se apuca, a se pune* se relacionam com certos verbos (ou perifrases lexicais) *eventivos-ergativos* que expressam eventos *independentes do controlo, da vontade, da intencionalidade... do actante-sujeito gramatical*. A maioria destes verbos tem uma configuração *decausativa*, marcada com pronome pseudo-reflexo. Fazem parte da classe dos eventivos decausativos que podem ocorrer nas estruturas paratáticas em análise:

— verbos de sentimento — na maioria, verbos com dupla configuração semântica no sistema, causativa e decausativa, mas actualizados nas estruturas paratáticas como decausativos, tais como: pg. *apaixonar-se, irritar-se, enervar-se, entristecer-se, acalmar-se*, etc. — rom. *a se irita, a se enerva, a se intrista, a se calma*, etc.:

- (123) *Pegou e apaixonou-se como nem um louco pela Ana.*
 (124) *Pegou e irritou-se/enervou-se/entristeceu-se com a notícia que lhe dei.*
 (125) *S-a luat și s-a îndrăgostit ca un nebun de Ana.*
 (126) *S-a luat și s-a iritat/enervat/intristat cu vestea pe care i-am dat-o.*

— verbos eventivos que denotam mudanças sócio-económicas — tais como pg. *enriquecer-se*, rom. *a se îmbogăți* —, mudanças psíquicas — pg. *enloquecer, endoidecer*, rom. *a înnebuni* —, mudanças fisiológicas — pg. *adoecer, cair de cama, desmaiar, morrer*, rom. *a se îmbolnăvi, a cădea la pat, a leșina, a muri*:

- (127) *Que sorte! Pegou e enriqueceu-se de noite com a fortuna deixada por uma tia.*

- (128) *O coitado de Paulo pegou e enlouqueceu depois daquela tragédia.*
- (129) *Um dia antes da viagem a Paris, ele pega e adoce/cai de cama.*
- (130) *Ele pega e zás! morre de repente.*
- (131) *Ce noroc! S-a luat și s-a îmbogățit peste noapte cu averea lăsată de o mătușă.*
- (132) *Bietul Paul s-a luat și a înnebunit după acea tragedie.*
- (133) *Cu o zi înainte de călătoria la Paris, el (se) ia și se îmbolnăvește.*
- (134) *Se ia/se pune și hop!, moare pe nepusă masă.*

Para além dos verbos acima mencionados, relacionam-se copulativamente com *pegar, agarrar* — *a (se) lua, a se apuca, a se pune* certos verbos eventivos que denotam ‘afecção física’, do tipo: pg. *bater com a cabeça/a testa, cortar-se (num dedo), ferir-se, torcer (um pé), quebrar (uma perna)*, etc. — rom. *a da cu capul/cu fruntea, a se tăia (la un deget), a se răni, a(-și) scrânti (glezna), a(-și) rupe (un picior)*, etc.:

- (135) *Peguei e* | — *torci-me o pé.*
| — *quebrei-me a perna.*
| — *bati com a cabeça num prego.*
| — *cortei-me num dedo.*

- (136) *M-am luat si* | — *mi-am scrântit glezna.*
| — *mi-am rupt piciorul.*
| — *am dat cu capul într-un cui.*
| — *m-am tăiat la un deget.*

A função de *pegar, agarrar* — *a (se) lua, a se apuca, a se pune* é, nos casos mencionados, a de exprimir o *inesperado do evento* e o seu *carácter repentino e súbito*. Para além dessa função, estes verbos indicam, de um contexto para outro, a *admiração*, o *espanto*, a *irritação*, o *descontentamento*, o *lamento*, a *censura*, a *ironia...* do locutor.

Quanto ao actante-sujeito sintáctico, ele já não cumpre o papel de agente que reage deliberadamente, antes pelo contrário, é, em função do contexto:

- o *experienciador* e o *paciente* do evento como também o “*lugar*” em que o evento se repercute⁷⁰ (em enunciados do tipo (123)-(126));
- o *beneficiário* e o *falso agente* do evento (em enunciados do tipo (127), (131))
- o *paciente* e o *falso agente* do evento (em enunciados do tipo (128)-(130), (132)-(134))
- o *paciente* do evento na medida em que é o *agente involuntário* do mesmo (em enunciados do tipo (135)-(136)).

Ou seja, o actante-sujeito sintáctico surge — com a excepção dos casos em que é o beneficiário — como *entidade afectada*, sendo a causa ou a ‘fonte’ de afectação, se explícita, designada pelo actante-objecto sintáctico (“apaixonou-se *pela Ana*”), por um circunstancial de causa (“irritou-se/entristeceu-se/enervou-se *com a notícia*”) ou por um circunstancial de tempo (“enlouqueceu *depois daquela tragédia*”).

Apesar de o segundo verbo pertencer à classe dos não agentivos, nas estruturas paratácticas de valor não deliberativo está presente contudo a ideia de *agentividade*. Visto que ela é projectada pelo primeiro verbo (*pegar, agarrar — a (se) lua, a se apuca, a se pune*, trata-se, desta vez, de uma *falsa, aparente ou involuntária agentividade*

Em estreita relação com este tipo de agentividade, surge nas estruturas paratácticas de valor não deliberativo uma restrição que não se verifica nas de valor deliberativo, isto é, os verbos *pegar, agarrar — a (se) lua, a se apuca, a se pune* deixam de ser acompanhados pelos pronomes reflexivos (*em) mim, ti, si...* Se o pronome for actualizado, quer o segundo verbo passa a indicar um evento provocado voluntariamente, sendo o actante-sujeito gramatical o agente:

(137) *Peguei em mim e quebrei-me a perna para não ser recrutado.*,

quer o enunciado apresenta-se como mal formado:

(138) **Ele pega em si e zás!, morre de repente.*

⁷⁰ Ver FONSECA, Joaquim — *Aspectos centrais da semântica-sintaxe e pragmática dos predicados de sentimento*, in «Diacrítica», Braga, 1999, sobre os papéis semântico-funcionais que cumpre o actante-sujeito sintáctico dos predicados de sentimento.

Podemos agora avaliar que os pronomes reflexivos que acompanham, facultativamente, os verbos *pegar* e *agarrar* do português representam marcas (suplementares) do traço /+ deliberação/ projectado nas estruturas com verbos do processos dinâmicos e do envolvimento do actante-agente nestes processos. Com essa função, os pronomes em causa estão directamente relacionados com o primeiro valor básico dos verbos *pegar* e *agarrar*.

No romeno, no uso dos verbos *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* não se regista nenhuma mudança que esteja relacionada com um dos dois valores básicos. Ao contrário do português, há uma óbvia preferência para as formas pronominais, seja qual for a natureza semântica do segundo verbo. Se no caso do verbo *a (se) lua* o pronome reflexivo é facultativo (embora seja muito mais frequente a forma pronominal do que a não pronominal), no caso de *a se apuca*, *a se pune* (que são pronominais ou não pronominais) o pronome reflexivo acompanha quase sem excepção o verbo. A (quase) generalização, nas estruturas paratácticas em foco, das formas pronominais deve-se provavelmente ao facto de serem menos ambíguas do que as não pronominais ou de criar menos expectativas ao alocutário; pois uma forma não pronominal surge aos olhos do alocutário, num primeiro momento do acto receptivo, como transitiva, o que provoca logo a falsa expectativa da breve actualização de um complemento directo que preencha o “vazio” semântico do verbo em causa. Além de serem menos ambíguas, as formas pronominais dão melhor conta do envolvimento do actante no processo ou no evento.

4.5. Os valores pragmáticos dos verbos *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* causam mudanças na relação *tempo da enunciação* — *tempo do processo/do evento* projectada no discurso.

4.5.1. Uma dessas mudanças consiste no facto de *o tempo do processo/do evento nunca coincidir com o tempo da enunciação*. Isto não quer dizer que as estruturas paratácticas não aparecem no presente, mas que *o presente gramatical não é o presente efectivo*⁷¹. Ele aponta quer para uma *acção/evento passada/-o*, quer para uma *acção/evento futura/-o*, quer para uma *acção/evento iterativa/-o*. Por exemplo, nos enunciados:

⁷¹ Ver KENISTON, H. — *Art. cit.*, que observa que a construção paratáctica não pode estar no “presente próprio” e ainda menos no imperfeito. Ver também COSERIU, E. — *«Tomo y me voy»*, p. 121.

(139) *Estou a arrumar o quarto.*

(140) *Aranjez camera.*

a acção indicada pelos verbos (pg.) *arrumar* – (rom.) *a aranja* desenvolve-se no próprio momento da enunciação. Pelo contrário, nos enunciados:

(141) *Pego e arrumo o quarto.*

(142) *Mă iau și aranjez camera*

a acção indicada pelos mesmos verbos, que desta vez surgem numa estrutura paratáctica, há-de ser cumprida num momento posterior ao da enunciação. Se os mesmos enunciados ocorrerem num contexto narrativo, a acção aparece como já concluída, sendo o presente uma estratégia de actualizar o passado (o *presente narrativo*). Enfim, se imaginarmos estes enunciados como resposta à pergunta “Que costumás fazer quando estás irritada?”, a acção aparece como repetitiva.

4.5.2. Uma outra mudança regista-se no funcionamento do imperfeito e consiste na redução dos valores aspectuais possíveis deste tempo. Precisamente, enquanto um verbo actualizado no imperfeito pode expressar, para além do valor temporal específico (acção iniciada no passado e concluída ou ainda não concluída no momento da enunciação), o valor aspectual durativo (*Estava a chover – Plouă*) ou iterativo (*Comia, lia, dormia, nada mais — Mâncam, citeam, dormeam, nimic altceva*), uma estrutura paratáctica no imperfeito expressa uma acção passada exclusivamente *iterativa*. Generalizando, diremos que nessas estruturas o imperfeito é um *tempo da iteratividade no passado*. Exemplos:

(143) *Em tais momentos, pegava e oferecia-lhe ramos de flores.*

(144) *În astfel de momente, se apuca și-i oferea buchete de flori.*

A explicação dessa redução dos valores aspectuais está de novo relacionada com a função do auxiliar de exprimir um acto de vontade, de decisão, etc., visto como um *impulso*, que arrasta uma *mudança* no estado de coisas, aspecto incompatível com o valor durativo — e, por isso, indefinido — do imperfeito.

Ao contrário do que se verifica com os seus valores aspectuais, o imperfeito mantém nas estruturas paratácticas os valores modais. Por exemplo,

mantém o valor irreal que adquire, em ambas as línguas, nos contextos do tipo:

(145) — *O que fazias se ele te pedisse isto?*

— *Pegava e ia com ele.*

(146) — *Ce făceai dacă îți cerea asta?*

— *Mă luam și mă duceam cu el.*

Nota-se, no entanto, uma diferença de um contexto para outro quanto à possibilidade de o imperfeito ser substituído pelo condicional: enquanto no enunciado interrogativo esta substituição funciona perfeitamente (condicional composto no português – condicional composto no romeno):

(147) *O que terias feito se ele te pedisse isto?*

(148) *Ce-ai fi făcut dacă îți cerea asta?*,

no enunciado declarativo o uso do condicional em vez do imperfeito do indicativo torna esse enunciado quer mal formado (no português), quer pouco provável (no romeno):

(149) **Teria pegado e ido com ele.*

(150) (?)*M-aș fi luat și m-aș fi dus cu el.*

A exclusão ou a pouca acessibilidade do condicional deve-se a *pegar* — *a se lua*, pois na ausência destes verbos, à pergunta *O que terias feito se ele te pedisse isto?/Ce-ai fi făcut dacă îți cerea asta?* a resposta pode ser: *Teria ido com ele/M-aș fi dus cu el*. Por consequência, se o sistema (*la langue*) oferece ao locutor a liberdade de escolher entre o imperfeito do indicativo e o condicional para exprimir a irrealidade de uma ação, o discurso (*la parole*) impõe-lhe restrições: o uso dos dois mecanismos gramaticais depende da ocorrência vs. não ocorrência dos operadores do tipo *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune*. Estes verbos, enquanto verbos “concretos”, são perfeitamente compatíveis com o condicional:

(151) *Teria pegado no menino e...*

(152) *Aș fi luat copilul și...*

A incompatibilidade nasce, pois, dentro da estrutura paratáctica, entre o valor modal do condicional e o valor modalizador desses verbos. Em rela-

ção ao imperfeito do indicativo, a irrealidade da acção surge mais forte com o condicional, o que está em total desacordo com o contexto intencional criado pelo primeiro verbo da estrutura. O imperfeito, por ser um tempo do indicativo, não deixa exprimir, para além do valor (modal) irreal adquirido no contexto, o valor próprio do indicativo, isto é, o valor de certeza. Num enunciado do tipo:

(153) *Pegava e ia com ele.*

o imperfeito veicula, pois, duas informações modais: a suposição da ocorrência da acção e a certeza do locutor de ter cumprido essa acção na hipótese de ela ter surgido. É esta segunda informação modal que está em sintonia com o contexto intencional criado por *pegar*, *agarrar* etc.

4.6. A análise desenvolvida até este ponto, permite-nos pôr em destaque uma outra função dos verbos *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* nas estruturas paratáticas: eles representam operadores/mecanismos através dos quais está explicitamente inscrita no discurso a *voz do locutor*. Qualquer que seja a pessoa gramatical das estruturas paratáticas, nos enunciados em que elas ocorrem encontra-se sempre projectada uma *avaliação por parte do locutor da atitude ou do comportamento do actante perante o processo/o evento* designado pelo segundo verbo. Afinal é sempre o locutor quem considera o processo/o evento como ‘inesperado’, ‘repentino’, ‘realizado decididamente’, etc., e exprime a sua atitude — espanto, irritação, etc. — em relação à maneira como esse foi realizado.

4.6.1. Nos enunciados na primeira pessoa, essa avaliação não é independente de um certo *trabalho de figuração*, ou seja da imagem que o locutor procura/cuida levar aos olhos do seu alocutário. Porque a acção surge muitas vezes como um obstáculo ou como algo de pouca acessibilidade, o locutor no papel do actante-agente, ao efectivá-la, adquire qualidades de “herói”. De modo que estimula a admiração do alocutário e se coloca numa posição superior.

Para uma imagem positiva podem estar orientados também certos enunciados em que o locutor desempenha o papel de experienciador e paciente de um evento inesperado. Por exemplo, ao dizer:

(154) *Naquela noite conheci a Marta. E peguei e apaixonei-me como nem um louco,*

o locutor não procura estimular a compaixão do alocutário, mas sim a admiração, o espanto, a curiosidade. A reacção verbal com a qual conta é do tipo: *Não me diga!*, perseguida por elementos-estímulo: *E?... Conta lá!* Geralmente, esta imagem de “herói” surge quando se trata de um evento contemplado de uma certa distância temporal.

O locutor coloca-se, pelo contrário, na posição de “vítima” que estimula a compaixão do outro no caso de um evento recente, cujas consequências, concretas, se prolongam no momento da enunciação, como em:

- (155) — *O que te aconteceu?*
— *Peguei e torci-me o pé.*

4.6.2. Nos enunciados na segunda pessoa, o uso dos verbos *pegar*, *agarrar* – *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* reflete, antes de mais nada, a *visão do locutor sobre o modo como o alocutário-actante devia ou deverá cumprir uma acção*. Estes enunciados na segunda pessoa veiculam geralmente *actos ilocutórios directivos com função fortemente constritiva*, que exclui qualquer estratégia de negociação por parte do alocutário. Em princípio, este não tem alternativa e obedece ao pedido do locutor. Por exemplo:

- (156) “— Que andas tu aí a fazer, ó gigante?
Ele respondeu:
— Eu ando aqui a arrancar estes pinheiros.
O João Peludo agarrou na bengala e arrasou logo o pinhal de uma vez.
Depois disse-lhe:
— Agora já não tens que fazer, pega em ti e vem comigo, que eu pago-te a soldada.”
(*Contos*, 237)

Para além dos actos ilocutórios directivos, os enunciados na segunda pessoa podem veicular também o acto ilocutório de *censura*, se os verbos da estrutura paratáctica estiverem no conjuntivo imperfeito ou mais que perfeito no português⁷² ou no conjuntivo perfeito no romeno:

⁷² Ver FONSECA, Fernanda Irene — *Subjonctif et Impératif en Portugais. Une contribution à l'étude de la configuration linguistique du SOUHAIT, de l'ORDRE, du REGRET et du REPROCHE*, in «Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas», Porto, 1984, n.º 1. Ver também FONSECA, Joaquim — *Pragmática dos enunciados vazados nas sequências 'p! e q' e 'p! ou q'*, in FONSECA, J. — *Op. cit.*, pp. 149-194, e nomeadamente pp. 169-175.

(157) *Pegasses e jogasses até ao fim!*

(158) *Tivesses pegado e jogado até ao fim!*

(159) *Să te fi luat și să fi făcut ce fi-am spus!*

4.6.3. Apesar de não faltarem os exemplos da chamada “linguagem indexical”, em que quer o locutor, quer o alocutário desempenham o papel de actante, são do *discurso narrativo* que as estruturas paratáticas são específicas. Elas fazem parte do conjunto de *estratégias narrativas* de que se serve o locutor para despertar ou estimular o interesse do alocutário (muitas vezes ouvinte) e manter viva a sua atenção. Não por acaso, tais estruturas têm uma maior frequência, tanto no português como no romeno, na literatura fantástica popular, cujos principais destinatários são as crianças. Nos contos, elas ocorrem com uma certa regularidade com respeito aos actos da *personagem positiva*, nomeadamente quando encontradas em *situação-limite*.

4.7. O funcionamento dos verbos em foco nas estruturas paratáticas não é alheio a uma certa estratégia que tem a ver com a *dinâmica interlocutiva*, com a *alternância das vozes* no discurso. Citamos, nesse sentido, um fragmento de um conto (do qual seleccionámos o exemplo (6)), em que o uso do verbo *ir* em relação copulativa com um verbo declarativo é uma estratégia a que recorre o locutor-narrador para dar conta da alternância de voz/vez na interacção dialógica:

(160) “Era ũa bez um galego e foi à missa e depois bêũ da missa e procuroul’a mulher o que dixerá o crego na egreija e **foi** o galego e **dixo**-le que toda a mulher que quisesse a outro hóme qu habia de lubar ũa mulida [de jungir os bois] prà igreija, senão que perdieim-nos bens, e depois **foi** êla e **dixo**-le que não, que nũ queria a outro. **Foi** o hóme e **tornou a ênteimar**, e **foi** êla e **dixo**-le assim:

— Pelo sim e pelo não lubarás a mulida do bôĩ pequêno.”

(*Contos e Lendas*, 51).

5. Conclusões

Da análise acima desenvolvida, resulta que:

1. em português e romeno, os verbos do tipo «pegar» nas estruturas paratáticas «pegar e + V₂» sofrem um processo de abstractização semântica em sintonia com um outro de reflexivização;

2. apesar da substituição do sentido concreto por um sentido abstracto, estes verbos não se tornam meros instrumentos gramaticais/auxiliares – e, conseqüentemente, as estruturas em que ocorrem não são estruturas gramaticalizadas/perífrases; eles revelam uma óbvia autonomia em relação ao segundo verbo, que se reflecte ao nível morfemático, sintáctico, semântico e se justifica também do ponto de vista pragmático;

3. em relação com o semantismo do segundo verbo da estrutura paratáctica, *pegar*, *agarrar* — *a (se) lua*, *a se apuca*, *a se pune* apresentam dois valores básicos: valor deliberativo e valor não deliberativo;

4. estes verbos dão conta, por um lado, da atitude e da implicação do actante na acção/no evento e, por outro lado, da avaliação por parte do locutor dessa atitude/implicação.

O facto de duas línguas românicas afastadas geograficamente apresentarem múltiplas concordâncias no funcionamento morfosintáctico e semântico-pragmático dos verbos e das estruturas em foco leva-nos à conclusão de que a situação é semelhante nas outras línguas românicas (no espanhol, catalão, italiano, sardo, retoromano).

*Aurélia Merlan **

* Aurélia Merlan é professora da Universidade “Alexandru Ioan Cuza” de Iasi, Roménia, onde realizou, em 1998, o doutoramento em Linguística. Frequentou, como bolseira do Instituto Camões, entre 1996 e 1997, na Faculdade de Letras do Porto o “Curso de Especialização «Diploma Universitário de Formação de Professores de Português — Língua Estrangeira»”. Realizou ainda nesta Faculdade, também como bolseira do Instituto Camões, trabalho de investigação no âmbito da Linguística Românica.